

***SE EU PUDESSE
NÃO MORARIA NO
BRASIL E ESPERO,
FUTURAMENTE,
CONSEGUIR IR
EMBORA DAQUI***

- MARSHALL POLIANA

NARRATIVAS E MEMÓRIAS MICROPOLÍTICAS DA TRAJETÓRIA DE UMA MULHER TRANSEXUAL: ENTREVISTA COM MARSHALL POLIANA¹

NARRATIVES AND MICROPOLITICAL MEMORIES OF THE TRAJECTORY OF A TRANSEXUAL WOMAN: INTERVIEW WITH MARSHALL POLIANA

Alberto João Nhamuche²
Maria Manuel Baptista³
Hélia Bracons Carneiro⁴

Resumo: a presente entrevista descreve as relações de gênero em em família, sociedade, trabalho e ambientes de residências estudantis, com base nas narrativas e memórias de uma mulher transsexual, abordando sobre ações de violência baseada nas práticas gênero ou omissão.

Palavras-chave: Gênero; transexualidade; violência; omissão.

Abstract: this interview describes gender relations in family, society, work and student residence environments, based on the narratives and memories of a transsexual woman, addressing actions of violence based on gender practices or omission.

Keywords: Gender; transsexuality; violence; omission.

1 INTRODUÇÃO

A presente entrevista descreve as relações de gênero em família, sociedade, trabalho e ambientes de residências estudantis, com base nas narrativas e memórias de uma mulher transsexual, abordando ações de violência baseada nas práticas gênero ou omissão, incluindo relatos de resistência, desistência e superação. A entrevista teve o seu decurso numa unidade de alojamento de estudantes universitários no Brasil, em maio do ano em curso e tinha o objectivo de conhecer experiências e vivências de pessoas trans, através de versões das suas narrativas. Há relevância em explicar que o nome da pessoa entrevistada não é divulgada, pela sua própria decisão declarada.

Alberto João Nhamuche (AJN): Como eu disse, nós comunicamos pesquisas sobre a relações de gênero na sociedade, no ambiente de trabalho, sobretudo como é que as pessoas lésbicas, gays, trans bissexuais vivem; quais são os desafios que enfrentam pela relação de serem isto ou aquilo, pelo fato de ter esta ou aquela identidade, ou seja, o que é que tem

¹ Nome fictício, devido à proteção do sujeito entrevistado.

² Doutorando em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro.

³ Professora Catedrática do Programa Doutoral em Estudos Culturais e Coordenadora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC), Universidade de Aveiro. Email: mbaptista@ua.pt.

⁴ Professora Associada, ISS, Universidade Lusófona. Email: helia.bracons@ulusofona.pt.

acontecido? Por outras palavras, se tem havido situações de bullying... Então nós fazemos harmonia disso e publicamos. Também fazemos links de por exemplo você ainda não frequentou nenhuma organização de ativismo, mas se identifica; então faz se link no sentido de não apenas estar a fazer acompanhamento com um psicólogo, entretanto, estando numa rede de pessoas em que facilmente você pode se inserir em termos de convivência, projeção profissional, entre outras relações, você pode falar do seu percurso da vida: onde nasceu, como cresceu e tornou-se estudante universitário?

Marshall Poliana (MP): Eu sou do município de Manicoré, no interior do Estado, e eu vim de lá da minha cidade em 2013; então eu moro em Manaus desde 2013. Aí, quando iniciei a faculdade em 2015, parei e continuei em 2018 e estou finalizando agora. Mas assim, eu vim da minha cidade, sou eu mesma, sem conhecer Manaus. Foi na aventura, passei e eu não tinha apoio nenhum e falei “só vou” e vim. As coisas só aconteceram aqui; então acho que a parte mais importante da minha vida, ela começou mesmo quando eu vim para Manaus, quando eu criei responsabilidade, me conheci melhor. Então eu acho que considero esse tempo de criar minha personalidade, quando eu cheguei em Manaus. Então eu acho que tudo que me tornei hoje foi durante esse período.

AJN: Como teve consciência ou autoconhecimento de ser uma pessoa trans?

MP: Eu acho que comecei aqui. É assim: quando no meu tempo de escola, eu já identifiquei que eu já gostava de meninos, que os meus gostos eram outros; só que eu não sabia lidar com aquilo, tipo assim eu gosto de homem, mas o que é isso? Por quê? Que mundo é esse? Eu era uma pessoa ingênua, digamos assim, devido a minha criação, eu acho que a minha criação foi muito o que a gente chama de família tradicional brasileira. Era tradição tipo assim os meus avós, os meus pais, até hoje para eles é difícil. Eu considero que para eles é difícil aceitarem a pessoa que eu sou, mas isso não interfere em nada, porque a opinião deles para mim é de menos, mas assim a minha transição começou depois que eu vim para Manaus. Quando eu cheguei em Manaus foi a primeira vez que eu fiquei com uma pessoa do mesmo sexo que a gente diz né; foi aqui que aprendi e me descobrir. Aí ao decorrer do tempo, eu fui percebendo que não era só essa coisa de ser gay, não é só ser gay tipo assim. Para mim o conceito de ser gay era pouco, não era como eu me identificava. Então eu falo que o início da minha transição se decorreu a partir do momento que eu identifiquei quem eu queria ser e como eu me sentia bem. Então a gente fala muito que ser trans não é “ah eu quero” virar mulher, entendeu? É uma coisa que eu falo para minha família, que eles me veem como uma gay que se veste de mulher; a opinião para eles é isso né, e eu falo: não, eu não sou uma gay que se veste de mulher, tipo eu sou uma mulher trans e é como eu me identifico, é como eu me sinto bem. Então vocês têm que entender que a transição ela faz parte de um autoconhecimento e uma coisa que a gente se sintam bem e como eu falo, eu não estou me vestindo de mulher tipo eu sou uma mulher. É como eu me sinto bem. Então a

minha transição começou a partir do momento que eu me conheci, quando eu falei *aahh* eu sou desse jeito e é assim como eu me sinto bem, como eu me olho no espelho. É isso né; então é a partir daí que a gente passa a saber o que é que a gente quer daqui para frente, porque a gente não transita de uma hora para outra, digamos assim. A minha transição foi bem por etapas. Eu, inclusive, faço acompanhamento psicológico, eu tenho uma psicóloga própria para isso né; ela é de causas de pessoas e, também, de transição de gêneros. Então me ajudou bastante também na questão de autoconhecimento, o que eu aprendi também é como explicar isso para ela e ela me ajudou também assim. A transição é um percurso que a gente caminha tipo você está transitando para chegar em uma fase que você vá se sentir melhor. No meu caso assim; eu deixei o meu cabelo crescer, comecei a usar maquiagem, eu comecei a me vestir com roupas femininas. Foram coisas que eu comecei a fazer para me sentir bem; eu me olhar no espelho e me identificar e saber quem eu sou para não ser a opinião porque para as pessoas, ser trans é muito complicado para quem não sabe lidar. Eu acho que a partir do momento que você se conhece, você sabe quem você quer ser, mas isso é quebrado porque tem gente que não tem a mentalidade e conhecimento para transitar né, porque agora eu estou na minha fase que estou começando o tratamento hormonal. Antes eu não imaginava, falava que não era necessário mas como eu falei de etapas, assim como eu tive a minha etapa de começar a usar a maquiagem, assim como tive a minha etapa de deixar o meu cabelo crescer, assim como eu tive a minha etapa de usar roupa feminina, eu estou na minha etapa que eu acho que é muito importante eu começar a transição hormonal né, e aqui a gente tem acompanhamento e a gente começa com a psicóloga e aí ela vai encaminhando a gente para alguns médicos especialistas, ginecologistas, neurologistas. Então eles têm um apoio muito grande para o meio mulher trans, homem trans. Aqui tem um acompanhamento muito bom né; no início do tratamento a psicóloga pergunta: você sabe o que é isso? Você sabe o que você quer? É realmente isso? É por isso que a gente começa primeiro com o acompanhamento psicológico, que é para eles entenderem se realmente a gente está preparada para começar a transição hormonal né, porque a partir do momento que a gente começa a hormonizar, vai surgindo coisas que eles falam que é irreversível né, então só começa o tratamento hormonal quem realmente está certo de fazer isso. Então eu digo que é a minha fase que... eu acho que é um caminho, como eu falei, eu estou numa fase que realmente acho necessário começar o tratamento hormonal. Aí estou nisso, não sei qual vai ser a próxima etapa, mas como eu falei né, a minha transição foram etapas e está sendo etapas. Então a minha atual etapa agora é de começar o meu tratamento hormonal porque é necessário pois eu cheguei a conclusão que é realmente necessário. Eu fico pensando que é tarde demais, não é tarde demais, tipo as coisas acontecem quando tem que acontecer.

AJN: Ser uma mulher trans na família, na sociedade: como se sente, ou seja, qual é o desafio que tem enfrentado?

MP: Eu acho que na minha família por parte do pai apenas. Como eu falei, é uma família muito tradicional. Então eu era o único gay da família no caso e aí tipo... o que mais pesou foi a questão do nome, porque o meu avô se chama Marshall, então meu nome foi em homenagem a ele. Então eu era muito associado a personalidade que ele foi; o meu avô foi um dos fundadores do futebol e ele era uma figura pública muito influente na cidade, relacionado ao futebol. Então a minha família teve uma cobrança que eu seguisse os mesmos passos dele, assim, foi um choque que a família do meu pai teve. E agora, a minha avó fala que “homem é homem, mulher é mulher”; é tipo não aceita né, não aceita, tem alguns primos também que não aceitam, mas como eu vim da minha cidade muito cedo, eu acho que construí a minha vida aqui em Manaus. Eu não ligo para a opinião deles, eles podem achar o que eles querem, eu não me importo. Não é uma coisa que me afeta, só o meu pai porque ainda não consegui ter uma conversa com ele assim, tipo ele sabe que eu sou gay e, com certeza, ele me olha, não tem como esconder. Só que ele nunca ouviu da minha boca: “pai eu sou trans” porque ele nem sabe o que é ser trans, eu ainda estou adiando assim essa conversa para com ele né; então acho que a minha família, mais por parte de cobrança deles, não aceitaram mas o meu avô ... antes dele falecer eu falei: “vô”... eu até falei uma coisa engraçada para ele, do jeito que eu contei, eu falei “desculpa por eu não ser o zagueiro do time que o senhor esperava mas eu posso ser a rainha do time”, eu falei eu “posso ser a rainha do seu time, eu vou ser a musa mas eu não vou ser o zagueiro e nem o goleiro que o senhor queria que eu fosse né”. Então ele soube desse jeito e ele me tratava super bem, tipo assim... ele não usava o termo gay, ele usava o termo alegre, “você é uma pessoa muito alegre”. Ele falava: lá vem o alegre, tipo não afetou em nada a minha convivência com ele, tipo eu era o neto mais afetivo com ele. Para os meus primos, dar abraço é coisa de fresco, dar beijo é coisa de fresco entendeu? Então eles não. Meu avô dava beijos, abraçava, conversava com ele e ele gostava disso. Eu tive uma relação muito boa com ele, muito boa mesmo. A minha avó que, nessas de igreja, não aceita, mas eu não me importo, eu bagunço com ela, eu falo “vó” ...falo coisas assim para quando ela me ver vestida com roupas femininas.... Só para bagunçar, eu levei bermudas masculinas, aí falei “eu vou fazer uma coisa que ela não vai gostar” mas eu fiz na brincadeira: eu levei as minhas bermudas e pedi para ela cortar e deixar uma palma e ela disse que não iria cortar porque são coisas de mulher mas eu não me importo muito com ela não. Agora o meu pai eu acho uma coisa engraçada. Ele não fala para mim; a gente tem um embate, eu acho que ele não fala para mim, mas ele fala para minha irmã; ele já me viu de roupas de mulher e ele falou com minha irmã: por que é que Marshall está usando blusa de mulher? Aí quem falou foi a minha irmã: pai você tem que saber que o Marshall é gay. Ela sempre falava isso o “Marshall é gay, pai. É por isso”, mas ele nunca pergunta para mim, até porque tem uma

coisa que é considerável falar: a partir do momento que eu criei a minha independência, assim que eu não dou direito de eles interferirem na minha vida, eu não interfiro na vida deles. Então eu acho que foi muito por isso, por eu ser uma pessoa independente, o dono da minha vida, nunca dependi financeiramente deles depois que mudei para Manaus. Então posso ser o que eu for, assim, eu que não dependo dele. Então ele sabe que tenho a minha vida e fiz dela o que eu quis e é por isso que ele não critica, mas a gente tem uma relação muito boa de pai e filho; muito boa mesmo. Eu nunca senti, nunca me senti destrutado, falta de afetividade não, só senti assim que ele não sabe lhe dar, ele não sabe...o problema dele é que não sabe lidar porque ele fala assim: as pessoas estão falando. Ele já falou que (quando eu me visto) “você está parecendo uma mulher, realmente você está parecendo sua mãe”, só que ele não sabe como explicar. O problema dele é falar para as pessoas pois, “porque a tua filha a Marshall não sei “. Então não sabe o que responder tipo ele não sabe... ele fica sem saber o que falar, aí diz “aahh estou com vergonha”; é por causa dos amigos dele que já falam sexualizando e ele não sabe como. Com a minha mãe, ela mora em outro Estado pois ela foi embora em 2011, eu era um homenzinho quando ela foi embora. Então ela não acompanhou essa minha fase de ser gay, trans e a gente não tinha contato e nem sabia que eu era gay. Ela descobriu em 2018, depois de 4 (quatro) anos sem ver a ela; ela nem sabia como eu era; ela chegou lá, me viu e sorriu. Então eu falei “mãe... não tenho o que falar”; eu lembro que eu contei para ela pois cheguei de viagem a tarde e tinha uma festa a noite e comecei a me maquiar, me arrumei toda e eu saí e falei “eu sou isso, é o que a senhora está vendo, não tem o que falar” e para ela foi aceitar. No dia seguinte a reação dela foi pedir para eu lhe ensinar ela a se maquiar, pedir para arrumar o cabelo dela, pedir para fazer... não teve problema nenhum, mas ela já me viu, papai não me viu a 100% porque ainda fico assim porque é um processo para mim de conversar com o meu pai, mas com a mamãe é de boa, ela sabe. Em relação à sociedade eu acho que no meu caso posso falar por mim, que a partir do momento que tive essa minha independência de vida eu não me preocupo com julgamento, entendeu? Eu acho que a gente tem que saber e eu acho que é assim: a partir do momento que você se conhece, você conquista o seu espaço, você tem que saber onde você está, você tem que saber como se comportar, querendo ou não. Brasil é o país que mais mata mulheres trans no mundo; então essa violência ela é muito grande e assim a gente tem um pouco de medo né? Assim ser trans é um tabu na sociedade e só me afeta mais na parte profissional; é onde eu sinto mais o problema, né? Porque para a sociedade eu não me importo aonde eu chego, eu nunca senti transfobia assim como usam o termo; eu acho que vai muito da pessoa mesmo, porque não é da pessoa vai me xingar. Eu sei me impor e eu não me permito estar nessa situação. Eu acho que esse é o diferencial porque eu conheço umas trans que já sofreram muita transfobia porque elas não sabem se impor; a situação é essa e elas foram tipo xingadas e deixaram para lá. Então a gente tem que ter, tem que saber se comportar e se impor. No caso do meu problema, o que mais senti foi no

ambiente de trabalho. A engenharia, querendo ou não, é uma área machista que é dominada por homens; mulheres sofrem e aí tem a novidade de eu ser trans no meio. É assim: do meu curso eu sou a única trans; posso dizer da Amazona ... trans na engenharia naval. Acho que eu tenho essa carga de uma mulher trans na engenharia naval, no mercado de trabalho. Nos meus estágios eu sofri muito assédio. O meu problema foi muito assédio porque, querendo ou não, a mulher trans é muito sexualizada. Ela é vista como um objecto sexual. Então, aí o meu diferencial é ter um lado profissional. Não sou uma mulher trans do tipo que está associada a prostituição, não. Eu tenho um estudo, eu tenho um lado profissional, soque dentro do ambiente de trabalho é sexualizado. Tive situações em que fiquei triste porque não é uma coisa. O que eu pude fazer, para evitar, eu fiz, mas é inevitável. Na minha última experiência o meu chefe foi muito de boa: tentou me poupar ao máximo, só que não deu para poupar porque os próprios funcionários da empresa, contratantes dele, chegaram com ele para pedirem meu número para outros fins. Tive situação que estava fazendo o meu serviço. Era manutenção de uma base e estava a fazer medição de fixura lá embaixo; encima tinha uns 20 homens fazendo outros trabalhos e eu ouvia que eles estavam rindo. Eu estava sem saber o que fazer e quando eu olhei para cima estavam quase todos eles em pé na monta da balsa me olhando, falando e rindo de alguma coisa como piadinha e eu fazendo o meu trabalho. Ai, o meu chefe subiu e foi falar com eles. Depois o meu chefe desceu indo para o meu lado falando assim: “eles estão todos pedindo teu número”. Eles queriam meu *WhatsApp*, eu disse: “não dê porque se eu der vou levar “porrada”. Mas eles já sabem que eu tenho uma personalidade muito forte, eu sei me impor e exigir respeito. Eu quero respeito; se me desrespeitar vai ouvir. Como disse, se falar vai ouvir e se bater, vai pegar pois comigo funciona desse jeito. Eu fiquei de boa e em nenhum momento eu dei abertura para este tipo de brincadeira. Eu me senti desrespeitada. Olhe, independentemente da função, eles sexualizam e eles não veem como uma pessoa profissional, e sim, como uma profissional de sexo. Mulher já sofre. Imagine eu assim, minhas amigas sofriam e eu não sabia como lidar e eu falava não. É porque falando putaria para mim eu não vou deixar. Eu tive proposta de trabalho tipo “*aahh* se tu saíres comigo eu posso te conseguir trabalho”, eu respondo “eu posso ter cara de puta, mas eu não tenho cara de puta para você estar me falando isso”. Bom, eu sempre “bati de frente” com isso; eu acho que o diferencial para mim não foi não ter passado problemas, mas saber me impor porque assim eu não vou deixar qualquer pessoa chegar em mim e me destratar, entendeu? E eu acho que é difícil ter um posicionamento, mas acho que como eu consegui ter essa minha personalidade, eu evitei muitos problemas porque querendo ou não, em outras situações eu teria me deixado levar; podia ter cedido, teria dado espaço. Então a abordagem nessa situação teria sido outra. portanto eu acho que o que pesa mais no meio profissional é o assédio, entendeu? E assim. Na sociedade, mesmo, eu sei lidar assim. Eu saio na rua e, querendo ou não, eu chamo muita atenção pelo meu tamanho. Não sei! Como eu sei lidar na rua, eu vou saindo aqui nessa rua,

eu já sei quem vai falar putaria para mim, só que eu não ligo; não me importo, pois, qualquer um que mexer comigo sem eu dar liberdade eu vou perder meu respeito. Eu sei lidar com a situação, mas eu acho que se eu não tivesse essa capacidade de me impor, teria passado por muitos problemas. Já teria acontecido muita coisa. Eu já tive problema de piadinhas e tal, mas nunca tive problemas de agressividade. Acontece muito de agressão. Acho que o homem olha para mim, e se quiser me bater, sabe que não tem como começar, entendeu? Pode ser quem for. Só que acontece que a sociedade exige esse padrão. Assim como para ser modelo precisa ou tem que ser magra, ser bonita..., para ser trans tem que seguir o padrão, quanto mais feminina melhor.

AJN: Não acha que isso seja por desconhecimento da própria sociedade?

MP: Exatamente, só que é o não conhecimento impondo, já que não sabe o que é ser trans e, muitas vezes, tem que falar porque não sabe. Só tem o gay e o “trans machuda” como eles falam, a pessoa que não tem conhecimento ela vai querer que seja um padrão que não existe em relação a isso; aí que começam os problemas pessoais, *aahh* eu tenho problema, eu tenho que ser bonita, eu tenho que emagrecer, eu tenho que me enquadrar ao padrão que a sociedade exige para eu me sentir bem né! O que acontece muito, aí, que as pessoas começam a ter problemas, é que ninguém se encaixa; é difícil, tipo Brasil é muito escroto, é muito difícil ser trans no Brasil e uma coisa que você falou que lá no seu país não tem agressão física, aqui tem até demais; a gente fica tomando “porrada” gratuitamente, só porque é assim... viu que é gay é porrada. Eu já conheço vários casos que a pessoa disse que era gay e os pais botaram para fora de casa, tipo não te aceito; eu tenho muitos amigos. Assim, neste meu processo, tive uma pessoa que foi uma minha amiga que ela já é trans. Hoje em dia, fez cirurgia e tudo né! Só que ela foi expulsa de casa já com 12 anos e eu conheci-a no Centro de Manaus pedindo esmola, e ela teve que entrar para prostituição por sobrevivência. Quando a coisa não é levada por consideração a trans procura por oportunidade de vida, por isso que a sexualizam porque parece que ela só serve para fazer programa, a trans só é prostituta. Eu não vejo isso como *bullying*, mas pessoas associam me como se eu fosse puta, entendeu? Quando falam: *aahh* o que você faz da vida? As pessoas imaginam que eu faço programa, vivo da prostituição; aí falo não, faço engenharia e eles falam “sério, você não tem cara de quem faz engenharia”. Eu ouço isso direto. Assim quando falo do meu curso as pessoas não acreditam; as pessoas associam a mim com a prostituição, tipo eu sou puta, todo mundo, a sociedade associa a mulher trans à prostituição. Elas entram na prostituição por falta de oportunidade pois é muito difícil uma trans entrar em qualquer vaga de emprego. Eu já tive causas que eu disputei com heteros e perdi, sendo que eu tinha o perfil da vaga, mas como eu era trans não fui. Eu fiquei chateada com os Recursos Humanos. Então eu acho que esse padrão que a sociedade exige é um problemático, e nem é todo mundo que tem a mentalidade de pensar, de se aceitar como é.

Eu sou assim. Foda-se a sociedade! Eu penso desse jeito, eu posso ser quem eu sou, do jeito que eu quiser e foda-e a sociedade! Vai ter que aceitar e, se não aceitar, mora! Então é um problema; realmente é um problema isso, entendeu? Você tem um padrão que a sociedade exige; você tem que seguir aquele tipo. Se você não estiver nesse padrão, você não é aceite, tipo mulher gorda não é visto como sinónimo de beleza, muito magra não é vista como sinónimo de beleza. Agora com os tempos mudando, as mulheres começaram a se aceitarem, né! As *plus sizes* estão começando a conquistar seu espaço no mundo da beleza; as magras estão se aceitando mais. Eu já bastei de *plus size* aqui em Manaus. Antigamente isso era ridículo, você ir a um concurso, num evento desfile de beleza e já ouvi isso em comentários: um monte de coisas gorda desfilando. Isso não é bonito de se ver, entendeu? Só que os tempos mudaram; hoje em dia hoje você tem as modelos *plus size*; você tem as modelos, eu acho que as pessoas mudam só que nem todo mundo acompanha a evolução né? Tem muita gente. Então quando eu digo que você tem que saber lidar com a sociedade é isso; você tem que saber lidar com este tipo de *bullying*. Não é porque eu tenho conhecimento que para mim parece ser fácil que a outra pessoa vai pensar do mesmo jeito, não. Uma coisa que é muito comum, eu acho engraçado, a gente fala “os homens nos humilham”, que é associado ao presidente né, que tem esse fio de família tradicional, onde homem é homem, mulher é mulher; eu amo briga, discutir com homem machista, porque ele fala, fala, fala mais ainda muito escroto, só que é muito engraçado. Tem uma coisa que sei por convivência própria: quanto mais homem machista com trans, isso funciona, mas há possibilidade de eu ficar com ele. Fala, fala, fala, e, no final a gente vai ficar junto e pronto. Não acabou de falar que trans é ... quer me comer, não entendo né; acho engraçado inclusive; quanto mais critica, mais quer, deseja o que é diferente. Só pode, mas no fundo, no fundo é com gay. Não sei por quê! Ai que está o gay com trans. Se o homem vai falar mal da gay, mas eu conheço muitos. Só acho engraçado e acho escroto tu pregar para a sociedade que odeia, é errado..., hoje está querendo pegar ... *porrah*, te decide! E aí que nem o homem que fala mal de mulher, *aahh* porque ela é gorda, feia; depois está saindo com a gorda; não entendo homem. Acho que a nossa sociedade está muito para o homem, né! Eu vejo dessa forma. Não é todo mundo que você vai sentar e explicar e vai mudar o pensamento. Eu posso passar uma hora falando de uma coisa, mas se a pessoa não tiver conhecimento, não vai adiantar de nada; eu vou falar, falar, falar como é o certo e ela vai continuar com a opinião dela. Acho que depende muito de cada um, tipo você pregar que uma coisa é errada e a pessoa entender e dizer “eu estou errada, vou mudar. Infelizmente nem todo o mundo é assim; acho que isso é um dos maiores problemas da sociedade. Tem que saber lidar com todo tipo de gente.

AJN: Há quanto tempo está morando nesta residência?

MP: Estou aqui desde 2018, ou seja, finais de 2018.

AJN: (Re)montando a sua chegada nesta residência, você informou a sua identidade de gênero à administração do alojamento?

MP: A gente passa por um processo. Lá, na reitoria, a gente já faz uma entrevista, mas quando eu me entrei ainda não estava em transição assim, ainda não tinha todas essas fases de transição; era uma gay normal, só que eles já sabiam. Eles sabem e quando eu cheguei na casa, eu sempre fui uma pessoa comunicativa e, no ano em que eu entrei, eu já assumi a presidência da casa. Então até hoje “eu tenho um”, como a gente fala, eu ainda tenho muita autoridade na reitoria. Digamos assim, conheço todo mundo lá e sei como funciona. Eu fui o presidente da casa no ano em que eu entrei e como já tive contato direto com lá, eu acho que com o pessoal da reitoria já tenho muito passe livre. Assim nunca fui de problema; eles me adoram lá inclusive. Em relação àqui na casa, foi tudo tranquilo. Nunca tive problema; eu tive problema com pessoal escroto. Aqui na casa já passou muita gente “filha da puta assim” de reclamar qualquer coisa e eu assim “batia de frente”. Eu tenho um lado da minha personalidade; se eu achar uma coisa injusta eu falo.

AJN: Você acha que a relação da sua identidade foi observada para o alojamento?

MP: Não, aqui não tem isso. Acho que eles levam em consideração o homem porque eu sempre morei com héteros. Mas acho que nunca tive problemas porque, uma coisa que também deve ser levado em consideração, o meu meio social acaba sendo mais hétero do que pessoas LGBT, eu tenho poucos amigos LGBT. Não tenho muita convivência nesse meio; eu estou um pouco fora do meio, assim convivência eu não tenho. Na faculdade, por ser curso de engenharia, não tinha quase ninguém da LGBT. Tinha umas duas “machudas”: uma gay e eu. Então na faculdade tinha pouco ciclo de amizade com as pessoas da LGBT. Assim como na minha cidade também. Assim, querendo como não, eu vivi muito do meio hétero de boa; eu cheguei e morei com hétero de boa. As pessoas associam muito que pelo fato de a gente ser gay e ter contato com hétero, automaticamente vou querer ter algo. Não! Não é assim que funcionam as coisas; acho que, no meu caso, não tive muitos problemas de morar com dois garotos. Foi super de boa, tranquilo; cada um respeita o seu ... foi ótimo. Mas há problema pois os meninos na casa não aceitavam morar com outra gay. É muito difícil; então é já agora, depois de um tempo, que gay morar com gay, mas, no meu caso, não teve separação porque eu nunca tive problema com isso. Lá na reitoria já sabem; eles fazem uma entrevista social antes. Então eles já sabem e, dependendo do perfil, eles já põem no quarto que eles já conhecem que tem outra pessoa é LGBT.

AJN: Você tem articulação com algumas pessoas trans residentes nesta unidade?

MT: Poucas. Agora, como foi renovando muitos moradores..., nossa, quando eu entrei a casa era cheia, era dividido: héteros, gays e evangélicos. Eram três grupos. Os héteros não falavam com as gays e os dois grupos não falavam com os evangélicos. Chegou a ser assim, quando eu entrei, mas o grupo LGBT era unido aqui. Eram pessoas já no final do curso, eram pessoas mais maduras. Depois, primeiro período, acabou de sair do ensino médio acho que era muito infantil e a partir do momento que começou a entrar esses grupos de LGBT já prematuro, começou a ter muito embate, muita briga. Ninguém se dá com ninguém, grupinho para cá, grupinho para lá; então isso foi uma coisa que aqui na casa acabou criando problema enquanto entre nós éramos unidos tipo cada um respeitando o outro. Realmente era um círculo de amizade; aí o pessoal foi se formando “caindo fora”. Na novinha, eu não falo com quase ninguém; falo com um, deixa eu ver uns dois... a Joana, Adalberto e Joaninha..., Ridson. Aqui, uma coisa engraçada, todas as gays se conhecem pelo nome feminino, mas o resto do pessoal fala masculino mesmo. Tem uma gay do segundo anda; eu não falo porque eu percebo que este pessoal novato chega muito... essas pessoas mais novinhas, do início do curso, são muito prematuras; não estão preparadas para ter uma convivência. Elas são muito emotivas e eu acho que é aí que está o problema na comunidade LGBT: a pessoa criar um bloqueio e se vitimizar por isso. “Aahh porque a fulana não fala comigo porque eu sou gay”; não é porque sou gay; não é a questão de você ser gay. Eu acho que o mundo, a comunidade LGBT é muito fragmentada; a gente, mesmo, da LGBT fala, mas não tem união, não tem empatia; é cada um por si. Eu acho uma coisa muito escrota e por isso eu não tenho muitas amigas assim porque eu não confio. Já tive amizades que foram tóxicas, não foram boas para mim assim e eu cheguei ao ponto de “*aahh* eu não vou confiar na gay no meu caso”, mas acontece muito e a gente vê aí. Ontem, mesmo, teve um caso: um amigo meu, uma gay que eu conheço estava “porrah”, foi dar em cima de uns héteros e não gostaram dele e deram pancada nele. Aí eu falei olha ali a gay! Porque que tinha que fazer de sair do lugar dela e falar merda para os héteros? Sendo que sabe que não é assim que funciona, então ela invadiu um espaço que não era para ter e acho que acontece muito. Você deve saber se portar, se dar o respeito para você exigir o respeito; não é chegar com qualquer um e falar eu quero ficar contigo, usar termos pejorativos né, que a gente fala. Então, invasivos, chega com uma abordagem muito agressiva digamos assim; então esse é o problema aqui, em todo o canto que é hétero geralmente não gosta deste tipo de abordagem aí que acontece. Alguns têm amigos que falam “não eu não gosto, eu sou hétero”. Esses ainda têm má educação de responder “eu sou hétero; eu não curto; me respeita veadinho”; e acontece muito. Então para você evitar essa situação, você tem que saber muito bem se portar entendeu? Eu acho que uma frase os héteros usam é “eu gosto de um fresco, não gosto da frescura dele”, tipo eu gosto do gay, mas a gaycisse dele já é um problema. Acho que acontece muitos problemas por a pessoa não saber se comportar. Eu

acho graça, sabendo que vai apanhar “porrada”.

AJN: Você tem ligação com alguma organização LGBTQI+?

MP: Eu estou começando agora com a minha psicóloga. Ela fala de grupos que tem e vai me apresentar ainda. Ela me falou que trabalha em um que é inclusivo. É um grupo de inclusão de mulheres trans no mercado de trabalho. Já ficou de me apresentar. Eu nunca participei, mas diz que tem; aí e eu achei interessante.

AJN: As consultas que referiu, com a psicóloga, são pagas?

MP: Não, é pela universidade. A universidade tem uma área de psicologia e uma psicóloga para todos os alunos. Mas ela saiu da universidade; ela passou no concurso e não está mais pela universidade. Mas como a gente se deu muito bem, ela continuou comigo, no trabalho dela; continuei com ela; estou com ela.

AJN: Algumas considerações finais?

MP: Eu acho que o problema começa a partir do momento que a pessoa não sabe, não se conhece. O problema começa quando você não sabe o que você quer, quem você é. Eu acho muito importante ser levado em consideração isso, porque, por experiência de vida, por conhecer histórias, histórias desse meio, que vai muito mais que desafio. A gente viu amigo gay que se suicidou porque não sabia como lidar com isso. A família não aceitava; ele não sabia o que ele queria; então ele se suicidou. Acho que foi o meu primeiro amigo gay; ele se suicidou. Só que na época ele não tinha conhecimento; ele falava para mim que ele queria se matar e eu falava “bicha”; eu bagunçava. Então dizia “não vou nem te ver”. Só que não tinha preparo psicológico para lidar. A partir dessa primeira perda que tive de pessoas próximas da LGBT, eu parei para pensar em relação a isso. A pessoa, para chegar a esse ponto, sofreu muito, mas também ela não teve o autoconhecimento porque sabia que era difícil. Eu acho que Brasil é um dos países mais difícil para ser gay, para ser LGBT, pelo alto índice de violência, pela dificuldade que tem de qualidade de vida. Posso dizer assim porque, independentemente da sua formação, você acaba tendo problema na colocação profissional. Então acho que se eu pudesse escolher, eu não morraria no Brasil. Com certeza, não, pelo fato de mesmo você ter uma personalidade muito forte, você ter seu autoconhecimento, você saber sua trajetória, ver os problemas da sociedade para trabalhar tudo.

Vou dar exemplo na terceira pessoa. Se a pessoa não sabe como se identificar, não sabe como lidar com isso vem a sociedade e piora tudo. Aí começa a sofrer *bullying*, sofrer preconceito na família, preconceito na sociedade, preconceito em tudo. Eu acho que a gente

tem que saber que é difícil e estar preparado para tudo, não é fácil. Eu vou ser trans às mil maravilhas, não. Eu sei que é difícil; então tenho que estar preparada; eu realmente vou conseguir. É por isso que digo que transição é um percurso a se percorrer né; a gente tem que estar preparada. É um desafio ser gay, assim como ser lésbica. Então acho que a comunidade LGBT se fosse acessível todo o mundo precisaria de um acompanhamento psicológico que facilitaria a vida de muita gente, mas nem todo mundo tem acesso. Então acontecem muitas coisas que a gente presencia, e, querendo ou não, é difícil. Mas a gente não pode fazer nada; a gente não tem força para ajudar muito o próximo. Porque é difícil e assim a gente vê situações ...eu conheço muitos casos de pessoas à beira da morte praticamente e é triste porque eu não posso fazer nada. Eu estou lutando e cada um tem a sua luta individual. Então a gente tem que ser forte para carregar o nosso fardo e seguir em frente porque, infelizmente, a gente não tem o poder de carregar o fardo de ninguém, de levar nas costas a pessoa e tentar facilitar a vida porque é difícil. Na sociedade já é difícil; a gente tem que tentar se tornar mais fácil possível porque “foda”! Se eu pudesse não moraria no Brasil e espero, futuramente, conseguir ir embora daqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERRA I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais: Princípia, 2006.

Recebido em: 30/05/2023

Aceito em: 19/07/2023